

**Egressos de licenciatura e qualidade de vida:
uma leitura ontológica do ser social**
**Bachelor's graduates and quality of life:
an ontological reading of social being**
**Egresados de licenciatura y calidad de vida:
una lectura ontológica del ser social**

Carla Maria Nogueira de Carvalho

Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), Campanha; Ibité/MG – Brasil

Vagner Francisco Martelo

Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), Belo Horizonte/MG – Brasil

Maria Lúcia Rodrigues Costa

Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), Barbacena/MG – Brasil

Maria Fernanda de Freitas Celestino

Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), Campanha/MG – Brasil

Diego José Maria de Melo

Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), Barbacena/MG – Brasil

Resumo

O presente trabalho abarca investigação com egressos de licenciaturas da Universidade do Estado de Minas Gerais, focando nas relações entre as categorias: formação, vida e trabalho. O objetivo foi analisar a ontologia do ser social, relacionando a formação vivenciada, o trabalho e a qualidade da vida cotidiana, a partir do olhar dos egressos. De abordagem quali-quantitativa, a pesquisa fez uso de questionário para coleta de dados, que foram categorizados e analisados dentro de uma perspectiva hermenêutico-crítica. Os resultados apontam: que o gênero feminino tem o maior percentual de representatividade dos egressos; que negros e pardos ainda são minoria entre os concluintes das licenciaturas; que pessoas jovens e pertencentes às classes sociais C e D estão em maior número nas licenciaturas; que a maioria de egressos está satisfeita com a formação recebida e pouco satisfeita com a remuneração do magistério, embora tenham declarado melhoria na qualidade de vida após a conclusão do curso de licenciatura. Os dados apontam que a qualidade de vida não tem relação direta com a remuneração. No entanto, infere-se que não é possível conceber o ser social como um elemento descolado da materialidade da vida. Trata-se de um todo complexo, sempre em movimento, interligando as esferas espiritual, afetiva, histórica, política, econômica e social. A categoria trabalho objetiva a satisfação das necessidades humanas e, nesse sentido, caminha na direção da sua humanização.

Palavras-chave: Licenciatura, Trabalho, Ontologia, Materialidade, Egresso

Abstract

This study involves research with graduates from the State University of Minas Gerais focusing on the relationship among the categories of education, life, and work. It aims to analyze the ontology of social being, correlating the experienced education, work, and the quality of everyday life from the perspective of the graduates. Employing a qualitative-quantitative approach, the research used a

questionnaire to collect data, which was categorized and analyzed within a hermeneutic-critical framework. The results show: the female gender with the highest percentage of graduates; that black and brown people are still a minority among graduates; that young people and those belonging to social classes C and D are more likely in education programs; that most graduates are satisfied with the training received and dissatisfied with the remuneration in teaching, although they have reported an improvement in quality of life after completing the education program. The data suggests that quality of life is not related to remuneration. However, we can infer that it is not possible to conceive the social being as a detached element from the materiality of life. It is a complex whole, always in motion, interconnecting the spiritual, affective, historical, political, economic, and social spheres. Therefore, the category of work aims at satisfying human needs and, in this sense, moves towards its humanization.

Keywords: Degree, Work, Ontology, Materiality, Egress

Resumen

El presente estudio abarca una investigación con egresados de licenciaturas de la Universidad del Estado de Minas Gerais, centrándose en las relaciones entre las categorías: formación, vida y trabajo. El objetivo fue analizar la ontología del ser social, relacionando la formación experimentada, el trabajo y la calidad de la vida cotidiana, desde la perspectiva de los egresados. Con un enfoque cualitativo, la investigación utilizó un cuestionario para la recolección de datos, que fueron categorizados y analizados dentro de una perspectiva hermenéutico-crítica. Los resultados señalan que el género femenino tiene el mayor porcentaje de representación entre los egresados; que las personas de color y mestizas aún son una minoría entre los graduados de las licenciaturas; que los jóvenes y aquellos pertenecientes a las clases sociales C y D son más numerosos en las licenciaturas; que la mayoría de los egresados están satisfechos con la formación recibida y poco satisfechos con la remuneración en la enseñanza, aunque hayan declarado una mejora en la calidad de vida después de completar el programa de licenciatura. Los datos sugieren que la calidad de vida no está directamente relacionada con la remuneración. Sin embargo, se infiere que no es posible concebir al ser social como un elemento desligado de la materialidad de la vida. Se trata de un todo complejo, siempre en movimiento, interconectando las esferas espiritual, afectiva, histórica, política, económica y social. La categoría trabajo busca satisfacer las necesidades humanas y, en este sentido, avanza hacia su humanización.

Palabras clave: Licenciatura, Trabajo, Ontología, Materialidad, Posgrado

1. Introdução

A formação do ser singular é construído do próprio ser social, na relação homem natureza, por via do trabalho. No trabalho, está o fundamento ontológico do ser social, pois é a matriz das objetivações na qual a realidade humana se concretiza. Para além do contexto da sobrevivência, o trabalho produz

significados e sentidos da ação humana que, por sua vez, são direcionados a partir de interesses sociais, e não apenas individuais.

Tais interesses são constituídos a partir de concepções e idealizações projetadas pela própria sociedade capitalista, na qual os detentores dos meios de produção e a classe trabalhadora estão em constante correlação de força e conflito. Essas dinâmicas são contraditórias, com elementos cada vez mais instáveis e desiguais.

Os seres humanos, em suas atividades cotidianas, ao buscarem sua realização subjetiva e profissional como membros pertencentes a uma sociedade, também resistem e reagem às formas exploratórias que negam a plena possibilidade de concretização de seus sonhos. É relevante apontar a contínua desconstrução cotidiana de importantes bandeiras dos trabalhadores, entre eles, os docentes, que, conforme Cunha (1999 apud SILVA, 2012, p.20) convivem com a

desvalorização do magistério, relacionada com a questão salarial; a estrutura do ensino, determinada pelo modelo de escola da legislação contemporânea e as condições de trabalho, como espaços físicos e materiais didáticos, que impossibilitam um ensino de melhor qualidade.

Nessa direção, o olhar para a ontologia do ser social, ou seja, para a natureza e a propriedade da realidade social, tendo como cerne a qualidade de vida a partir da formação docente, torna-se um imperativo.

Assim, o presente trabalho abarca uma investigação com os egressos das licenciaturas, para além da atuação em sala de aula, pois a vida cotidiana, a ciência e a religião (teologia incluída) de uma época, de acordo com Lukács (2012), formam um complexo interdependente e contraditório, cuja unidade, muitas vezes, permanece inconsciente.

Nosso interesse está centrado na avaliação, pela ótica da ontologia do ser social, do impacto da vivência de uma licenciatura, pois se acredita que essa reflexão é muito importante para o dimensionamento do próprio processo formativo. Frente ao exposto, indagou-se: Seus egressos se encontram em melhores condições de vida? As condições materiais determinaram sua formação e suas relações sociais? O que mudou em sua vida pessoal e profissional a partir da formação vivenciada?

Elencou-se como objetivo analisar, a partir do olhar dos egressos da

graduação em licenciatura, a ontologia do ser social, relacionando a formação vivenciada, o trabalho e a qualidade da vida cotidiana.

Coerente com o objetivo proposto, a metodologia de pesquisa foi desenvolvida dentro das abordagens quali quanti, com característica interpretativa, em que se utilizou questionário para fornecer os subsídios (dados) que foram nosso objeto de análise.

A investigação foi realizada em 13 (treze) unidades pertencentes à Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) que oferecem cursos de licenciaturas, a saber: Campanha, Barbacena, Ibirité, Passos, Leopoldina, Divinópolis, Ituiutaba, Carangola, Frutal, Claudio, Poços de Caldas, Ubá, e Faculdade de Educação.

Os respondentes participantes da pesquisa são egressos das seguintes licenciaturas: pedagogia, educação física, ciências biológicas, ciências sociais, história, matemática, letras, física, geografia e química. Os dados foram interpretados dentro de uma perspectiva hermenêutico-crítica, para “discutir as questões em atitude reflexiva e não instrumental” (HABERMAS, 2010, p. 126).

2. Referencial teórico

Acreditamos que as reflexões a respeito das categorias formação e trabalho necessitam ser analisadas de maneira cuidadosa e sustentada à luz de uma base teórica que instigue a problematização da concretude das relações sociais vivenciadas na sociedade atual e na realidade brasileira.

Nessa direção, e em consonância com Lukács (2012), acreditamos que o trabalho dá lugar a uma dupla transformação, já que o próprio ser humano que trabalha é transformado por seu trabalho: ele atua sobre a natureza exterior modificando-a e, ao mesmo tempo, modifica sua natureza, desenvolvendo potências que nela se encontram latentes.

Marx (2013) aponta que o trabalho é um processo entre o homem e a natureza, em que o homem, por sua própria ação, media, regula e controla seu metabolismo com a natureza. Não se trata aqui das primeiras formas instintivas, animais, de trabalho, mas a pressuposição do trabalho como forma de pertencimento exclusiva do gênero humano.

A abelha envergonha mais de um arquiteto humano com a construção dos favos de suas colmeias. No entanto, como nos lembra o autor, o que distingue,

de antemão, o pior arquiteto da melhor abelha é que ele construiu o favo em sua cabeça, antes de construí-lo em cera. No fim do processo de trabalho, obtém-se um resultado que, já no início, existiu na imaginação do trabalhador, e, portanto, idealmente. Ele não apenas efetua uma transformação da matéria como realiza nela, ao mesmo tempo, o seu objetivo (MARX, 2013).

Assim, considerando-se a relação homem-natureza, por via do trabalho, ponderamos que não é possível conceber o ser social como um elemento descolado da materialidade da vida. No entanto, simultaneamente, trata-se de um todo complexo, sempre em movimento, interligando as esferas espiritual, afetiva, histórica, política, econômica e social. Então, a categoria trabalho objetiva a satisfação das necessidades humanas e, nesse sentido, caminha na direção da sua humanização.

Pelo trabalho, o ser humano se transforma em outro tipo de ser, diferente de outros seres existentes na natureza: o ser social. Logo, como categoria ontológica, o trabalho precisa ser apreendido a partir da sua função social de caráter coletivo, pois as necessidades de outros indivíduos fazem com que o trabalho apresente sua finalidade social, de caráter, portanto, coletivo.

Para Lukács (2012), as deduções alienadas obscurecem o “realmente essencial no plano ontológico”. Ele aponta ainda que os “[...] meios de domínio intelectual do ser sejam submetidos a uma permanente consideração crítica” (LUKÁCS, 2012, p. 37) para a superação dessa condição e como possibilidade de apreensão do autêntico ser em si.

Nenhuma das dimensões da vida social, como a arte, a religião, a ciência, a política, o direito são sinônimos de trabalho, mas todas têm a sua origem a partir do trabalho, ou seja, têm uma “dependência ontológica” em relação ao trabalho. O ser social, assim, é, na feliz expressão de Lukács (*apud* TONET, 2015), um complexo de complexos, mas matrizado pelo trabalho. Desse modo, fica claro que a categoria da totalidade, antes de ser epistemológica é ontológica, isto é, constitutiva da própria natureza essencial do ser social (TONET, 2015).

Da constatação de que o trabalho é o ato ontológico-primário do ser social, segue-se, como consequência lógica, que este é radicalmente histórico e radicalmente social. Radicalmente histórico porque tudo o que compõe o ser social, inclusive a essência humana, é criado ao longo desse processo. Vale dizer, não há nenhuma parte que integre o ser social que seja de origem divina ou puramente natural. Radicalmente social porque tudo o que compõe o ser social é resultado da interatividade humana. Tudo é resultado da atividade social

dos homens. Se levarmos em conta que, para as concepções grega e medieval, o mundo humano tinha um caráter a-histórico e não era visto com resultado da atividade dos próprios homens, ver-se-á a enorme importância dessa constatação marxiana. (TONET, 2015, p. 2015)

A análise do trabalho como esse ato ontológico-primário do ser social também nos permite perceber que ele é uma categoria que remete sempre para além de si mesmo e que possibilita a criação permanente do novo. Desse modo, é próprio do ser social tornar-se cada vez mais complexo e universal.

A respeito do trabalho docente, chama a atenção o fato de como os fenômenos sociais influenciam a imagem que o professor tem de si mesmo e de seu trabalho profissional e de como isso vem causando uma crise de identidade que, muitas vezes, leva à autodepreciação pessoal e profissional.

Em consonância com os vieses teóricos apontados, tomamos a categoria de trabalho como central, e a teoria da ontologia do ser social, inspirada em Marx e Lukács, como um dos pilares do presente trabalho, o qual visa à análise da formação universitário-acadêmica de egressos de licenciatura. Por essa via,

para compreender, entender e apreender a vida, o mundo, partimos da vida e do mundo, e não do conceito sobre a vida e sobre o mundo. O ato primeiro não se coloca no plano da ideia que temos, possuímos ou construímos sobre as coisas, mas do que são as coisas. Precisamos realizar uma análise interna dos objetos postos à investigação para elucidar sua determinação social, ou seja, seu *telos* e sua gênese. (SOUZA JUNIOR, 2015, p. 153-154)

A partir dessas ideias, não se pleiteia nem a regência do objeto, nem a centralidade do sujeito nos processos de apropriação do real, mas a regência da relação histórico-material da relação sujeito/objeto no processo de produção dos conhecimentos dos objetos. É uma relação em que a boa subjetividade é aquela que se efetiva objetivamente no mundo, fruto dessa relação ontológica (SOUZA JUNIOR, 2015).

Nesse cenário, insere-se o universo educacional, em especial, a formação docente. Como bem nos lembra Gatti (2017, p.722), as instituições educacionais são integrantes da sociedade, “e, como tal, nelas se encontram os mesmos traços característicos das dinâmicas sociais, aí incluídas tensões e conflitos de uma dada conjuntura”. Nesse sentido, segundo a autora, é preciso não só pensar como também refletir sobre a formação de professores. Tal reflexão

necessita considerar condições situacionais, bem como compreender as finalidades dessa formação, analisando os porquês, o para quê e o para quem é realizada essa formação.

Isso requer pensar nos seus compromissos éticos e sociais. Com tais considerações em mente, é preciso, segundo Gatti (2017), compreender o cenário da formação docente que nos é apresentado hoje em nossa sociedade, relacionando a formação e o trabalho dos professores. Nas palavras da autora,

Compreender essas condições e seus impactos na educação escolar torna-se uma necessidade para quem busca caminhar na direção de superação de impasses educacionais e impasses sobrevenientes no campo do trabalho docente. Dilemas se levantam quanto às formas de compreensão do momento contemporâneo, sobre condições de exercício da democracia, sobre valores, diversidades e sentidos do agir humano, do agir educacional, do trabalho nas redes escolares. (GATTI, 2017, p. 723)

Quanto à definição de qualidade de vida, aponta-se tratar de um conceito muito abrangente, uma vez que perpassa por várias dimensões. Abarca desde a saúde física, o estado psicológico, a independência, as relações sociais e com o ambiente, e está diretamente articulada à autoestima e ao bem-estar pessoal.

Uma das concepções mais aceitas na atualidade é oferecida pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Ela define que qualidade de vida é “a percepção que um indivíduo tem sobre a sua posição na vida, dentro do contexto dos sistemas de cultura e valores nos quais está inserido e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações”¹.

Sendo assim, nota-se que se trata de um conceito holístico que considera o indivíduo como componente de uma sociedade com expectativas, história, trabalho e materialidade. A qualidade de vida está diretamente relacionada com a participação do indivíduo como ser social no espaço que ocupa, no qual os valores culturais, o nível socioeconômico, a satisfação com as atividades diárias lhe trazem uma sensação de realização, pertencimento e bem-estar.

3. Metodologia

É preciso estabelecer o referencial teórico-metodológico, pois, de acordo com Duarte (2004), o caráter de uma pesquisa está diretamente relacionado a

¹Disponível em: <https://ares.unasus.gov.br/acervo/handle/ARES/26121>

ele; é em função dele que será construído o objeto de pesquisa e analisado o material coletado.

Assim, utilizamos como instrumento de coleta de dados, os questionários que, segundo Andrade (2009), são um instrumento de coleta de dados, composto por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador/pesquisador.

Geralmente, envia-se o questionário ao informante, e, após seu preenchimento, ele o devolve ao pesquisador do mesmo modo que foi enviado. Além das perguntas, que devem ser claras e objetivas dentro de uma sequência lógica e com uma linguagem adequada ao nível de escolaridade, ele deve ser acompanhado de um texto, explicando o objetivo da pesquisa, sua importância e a necessidade de se obterem respostas dentro de um prazo razoável.

É importante esclarecer que não se pretende generalizar os resultados deste estudo, embora a aplicação de um inquérito por questionário possibilite mudar as informações obtidas em dados editados, possibilitando acesso a um grande número de sujeitos e contextos distintos (AFONSO, 2005). Considera-se, também, que seja possível encontrar respostas comuns às de outros egressos. O que nos leva supor, conforme sugerem os estudos de caso (MERRIAN apud ANDRÉ, 2005), semelhanças entre os processos de formação inicial.

Outro aspecto deste trabalho é o seu caráter qualiquanti. Schneider, Fujii e Corazza (2017, p.570) chamam a atenção para o fato de que, nas pesquisas científicas, a combinação entre os tratamentos quantitativos e qualitativos podem ser complementares e enriquecedores, pois propiciam um cenário mais amplo do objeto ou das questões de estudo. Além disso, elas podem completar-se, uma vez que favorecem uma análise estrutural do fenômeno por métodos quantitativos e uma análise processual pelos qualitativos.

É relevante apontar também que a proposta em tela foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UEMG, conforme Parecer 4.220.436/2020. E, ainda, que foi disponibilizado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido a todos os colaboradores da pesquisa.

Após a aprovação pelo Comitê de Ética da instituição, foi realizado o levantamento dos contatos dos egressos dos cursos de licenciatura de treze

unidades da UEMG, envolvidos nesta pesquisa. Em seguida, foi elaborado um formulário para coleta de dados no Google Forms.

Antes do envio dos e-mails para os egressos, foi realizada a aplicação do pré-teste do questionário a um grupo semelhante ao pesquisado, com a finalidade de verificar se as questões do formulário foram elaboradas de forma clara e objetiva e atendiam às demandas do projeto. Após a análise do pré-teste, o formulário foi enviado por e-mail para todos os egressos de cada curso.

Foi necessário criar uma estrutura digital, a fim de atender a determinadas necessidades como: organização da lista de contatos, *software* adequado para envio dos e-mails, banco de dados e elaboração de uma estratégia de adesão, que consistiu na formulação de mensagens de e-mail, envio de vídeos de convite feito pelos professores dos referidos cursos envolvidos, com objetivo de estimular e aumentar a participação dos egressos a responderem o questionário.

O inquérito foi composto por 26 questões divididas em blocos distintos. O primeiro teve como finalidade identificar o perfil sociodemográfico e econômico, além de aspectos relacionados à formação e atuação profissional do egresso (idade, sexo, cidade em que reside, área de atuação antes da formação, dentre outros).

O segundo bloco de questões teve por objetivo identificar as principais motivações para a entrada na licenciatura e qual o grau de satisfação em relação a ela.

O terceiro teve como foco verificar a percepção dos egressos em relação à melhoria da sua qualidade de vida após a conclusão da licenciatura e inserção no mercado de trabalho.

É importante também apontar que, dentre o total de questões levantadas para a investigação, no presente artigo, analisaram-se as questões objetivas que estabelecem relação com a formação vivenciada, o trabalho e a qualidade da vida cotidiana, a saber: Trabalhava com educação antes da licenciatura? O curso auxiliou de alguma forma sua inserção no mercado de trabalho? Qual sua renda atual? Qual o seu grau de satisfação em relação a licenciatura cursada? Qual sua opinião sobre remuneração? Percebeu melhora na qualidade de vida? Como você percebe sua situação socioeconômica atual comparada quando ao ingresso na licenciatura?

Tendo em vista os aspectos discutidos acima, foi elaborado um plano de trabalho para coleta de dados. Assim, realizaram-se revisão bibliográfica, levantamento dos contatos de egressos de licenciaturas pertencentes a 13 (treze) unidades acadêmicas da UEMG e elaboração de questionário para coleta de dados.

Devido à coleta de dados se realizar por meio de *e-mails*, uma estrutura digital foi elaborada. Ela foi composta por um *software* adequado para envio dos *e-mails*, um material de divulgação que incluía vídeo de convite feito por professores da universidade mineira, listas de contatos previamente organizadas por unidade acadêmica e curso e a apropriação de técnicas comuns ao marketing digital.

O questionário como procedimento de coleta de dados se mostrou bastante apropriado, em função do grande número de participantes.

4. Resultados e discussão

Ao longo do trabalho, foram enviados mais de 32 mil *e-mails*, com a finalidade de coletar dados suficientes para a validação da pesquisa; 1095 questionários foram respondidos por egressos formados entre os anos de 2014 e 2019.

As unidades da UEMG abarcadas foram (13): Campanha, Barbacena, Ibitaré, Passos, Leopoldina, Divinópolis, Ituiutaba, Carangola, Frutal, Cláudio, Poços de Caldas, Ubá e Belo Horizonte (Faculdade de Educação). Os respondentes participantes da pesquisa são egressos das seguintes licenciaturas: pedagogia, história, educação física, ciências biológicas, ciências sociais, matemática, letras, física, geografia e química.

Com relação ao perfil dos egressos participantes deste estudo, 22% pertencem ao gênero masculino e 78% ao feminino. No que tange à cor/etnia, 16% são pretos, 39% pardos, 43% brancos e 2% amarelos. A respeito da faixa etária no ano de formação, 41% estavam na faixa dos 20 aos 29 anos, 33% entre 30 e 39 anos, 18% entre 40 e 50 anos e 8% com 51 anos ou mais.

Os respondentes que participaram desta pesquisa são egressos das seguintes licenciaturas: 9% ciências biológicas, 1% ciências sociais, 12% educação física, 1% física, 1% geografia, 4% história, 8% letras, 8% matemática, 1% química e 55% pedagogia (Tabela 1).

Tabela 1 - Perfil dos egressos participantes do estudo

	Atributo	Número de Participantes	Percentual
Gênero	Feminino	849	78%
	Masculino	245	22%
Cor/Etnia	Amarela	21	2%
	Branco	466	43%
	Pardo	429	39%
	Preto	172	16%
Faixa etária no ano de formatura	20 a 29 anos	450	41%
	30 a 39 anos	365	33%
	40 a 50 anos	199	18%
	51 anos ou mais	81	8%
Ano de conclusão do curso	2014	110	10%
	2015	81	8%
	2016	106	10%
	2017	240	22%
	2018	295	28%
	2019	232	22%
Curso	ciências biológicas	92	9%
	ciências sociais	16	1%
	educação física	124	12%
	física	6	1%
	geografia	6	1%
	história	38	4%
	letras	85	8%
	matemática	81	8%
	química	6	1%
	pedagogia	548	55%

Fonte: Elaborado pelos autores/2022

A análise dos dados ressaltam a predominância do gênero feminino no exercício do magistério na educação básica. Sobre essa realidade, Prá e Cegatti (2016) comentam que a inserção das mulheres no espaço público ocorreu em um primeiro momento, por meio do acesso delas à educação básica. O ensino para essas mulheres reforçava aprendizados necessários às atribuições domésticas e limitava o conhecimento em outras áreas.

Ainda segundo as autoras, a introdução das mulheres no mercado de trabalho e no ensino superior foi fortemente influenciada por suas obrigações domésticas. O que as levou a convergir para áreas voltadas ao cuidado, como a enfermagem e a educação – fenômeno denominado feminilização. Isso alterou o significado e o valor social de algumas ocupações.

Outro ponto que merece destaque é o percentual dos declarados pretos (16%) e pardos (39%) em comparação a outras cores/etnias. Nos últimos anos, o Brasil, a fim de alcançar a Meta 12 do Plano Nacional de Educação (Lei nº 13.005/2014²), tem feito forte investimento em políticas de cotas.

O Resumo técnico do Censo da Educação Superior de 2019 (INEP, 2021) aponta que, do total de ingressantes dos cursos de graduação, 8,5% foram ocupadas por programas étnicos. Entre 2010 e 2019, cresceu em quase 400% o número de alunos pretos matriculados no ensino superior devido a essas políticas, o que representa um total de 38,15% do total de matriculados.

De acordo com Vargas (2011), no Brasil, as oportunidades de ingresso ao ensino superior são desiguais. Variáveis como classe social e etnia não favorecem pretos, pardos e pobres e tendem a se agravar durante o período dos estudos e entre os concluintes quando se compara com o percentual de ingressantes. Brancos, asiáticos e ricos apresentam um percentual de concluintes maior do que negros, pardos e pobres.

Percebe-se também que o maior percentual (41%) dos egressos está na faixa dos 20 a 29 anos quando da conclusão do curso (Tabela 1). De acordo com o Censo da Educação Superior do Inep (2021), em média, a idade dos ingressantes dos cursos de graduação na modalidade presencial é de 24,3 anos.

Os respondentes que participaram desta pesquisa são oriundos de cursos de licenciatura da modalidade presencial de uma instituição pública. Esses cursos têm em média a duração de quatro anos ou oito semestres, o que leva a supor que eles estão dentro do perfil etário indicado pelo Censo da Educação Superior quando ingressaram na graduação.

Eles também frequentaram o curso noturno³. A faixa salarial da maioria dos egressos 90% está entre um e quatro salários-mínimos, indicando que eles são oriundos das classes C e D (Tabela 2).

² Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Disponível em: http://planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/13005.htm#anexo. Acesso em: 20 maio 2022

² Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2020-11/cresce-total-de-negros-em-universidades-mas-acesso-e-desigual>. Acesso em: 20 maio 2022

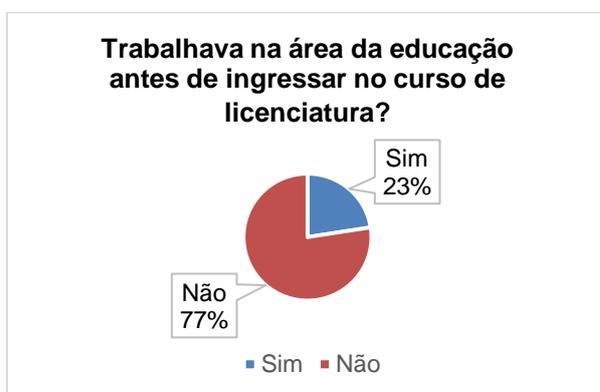
³ Disponível em: <https://www.uemg.br/graduacao/cursos2>. Acesso em: 17 out. 2023

Tabela 2 - Renda Atual dos egressos dos cursos de licenciatura

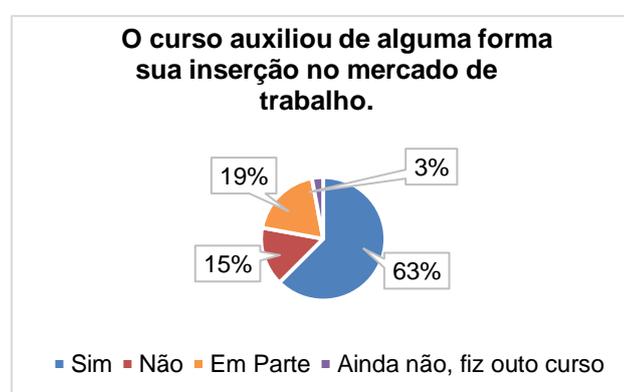
Sua renda atual:	Porcentagem	
Até um Salário-Mínimo (SM)	205	19%
Entre um 01 SM e 02 SM	446	41%
Entre 02 SM e meio a 04 SM	337	30%
Entre 04 SM e meio 07 SM	88	8%
Entre 07 SM e meio e 1 0 SM	16	1,5
Acima de 10 SM	3	0,5
Total	1095	100%

Fonte: Elaborado pelos autores (2022)

Dos 1095 respondentes, 843 (77%) não trabalhavam na área educacional e 252 (23%) declararam atuar na área antes de ingressar na licenciatura (Gráfico 1). Para 63% dos egressos, o curso, de alguma forma, auxiliou a inserção no mercado de trabalho (Gráfico 2).

Gráfico 1 – Ocupação antes do ingresso no mercado de trabalho

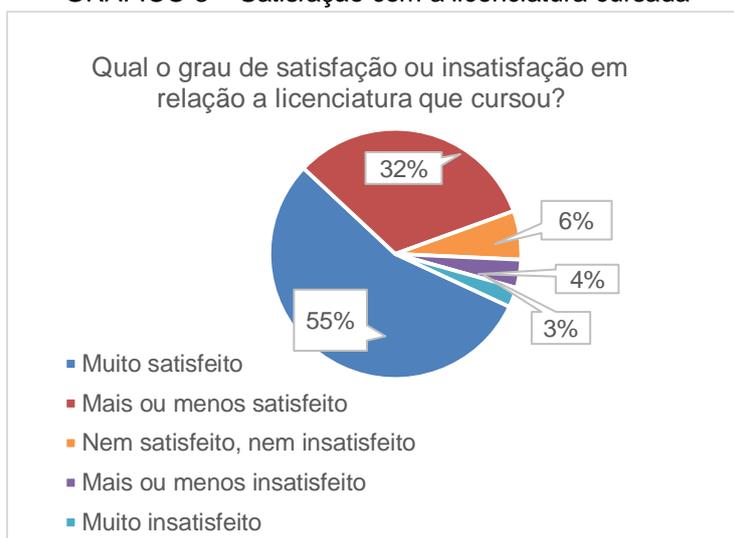
Fonte: Elaborado pelos autores (2022)

Gráfico 2 - Inserção no curso de licenciatura

Fonte: Elaborado pelos autores (2022)

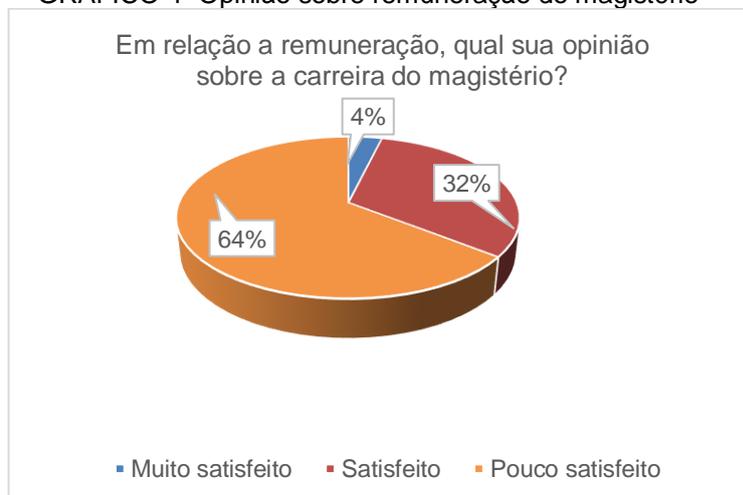
Embora 90% tenham uma renda menor que quatro salários-mínimos e meio, ainda assim, 55% declararam estar muito satisfeitos com a licenciatura cursada (Gráfico 3).

GRÁFICO 3 – Satisfação com a licenciatura cursada



Fonte: Elaborado pelos autores (2022)

GRÁFICO 4- Opinião sobre remuneração do magistério



Fonte: Elaborado pelos autores (2022)

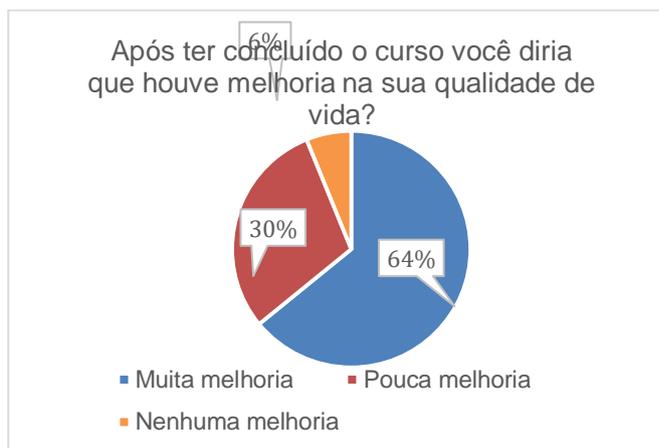
O docente, ainda que inserido em uma sociedade capitalista, não está (ou não se sente) “alheio, isolado, estranho aos resultados ou produtos de sua própria atividade” (RANIERI, 2001, p. 9). Esse estranhamento do trabalho, caracterizado como um meio para a satisfação de uma carência, como necessidade para manutenção da existência física (MARX, 2013), não traria qualquer satisfação, a não ser no momento mesmo da remuneração.

Esse indício de “não alheamento”, de satisfações advindas não somente pela remuneração em si, se insinua ao percebermos que, nos dados, apesar de 64% dos entrevistados estarem pouco satisfeitos com sua remuneração (Gráfico 4), ou seja, “manutenção da existência física”, ainda assim, a mesma

porcentagem, ou seja, 64% declararam que, após terem concluído o curso, houve muita melhoria na sua qualidade de vida (Gráfico 6). A atividade do trabalho compõe a vida do trabalhador e se imbrica fundamentalmente a ela no entrecruzamento de diversas outras dimensões.

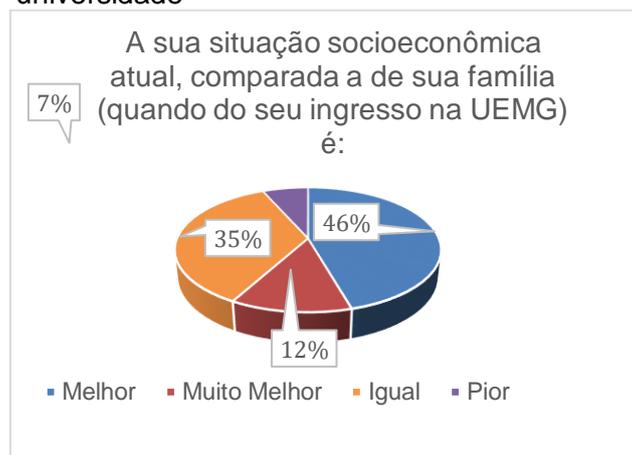
Em relação aos dados relativos à melhoria da qualidade de vida e inserção no mercado de trabalho, pode-se supor que, para os egressos pesquisados, qualidade de vida não tem relação direta com a remuneração (Gráfico 5).

Gráfico 5 - Percepção sobre a melhoria da qualidade de vida



Fonte: Elaborado pelos autores (2022)

Gráfico 6 - Comparação da situação econômica atual e antes de ingressar na universidade



Fonte: Elaborado pelos autores (2022)

Assim, considerando que 64% dos entrevistados se declararam pouco satisfeitos com a remuneração (Gráfico 4), e que 64% declararam haver muita melhoria na qualidade de vida após a conclusão do curso de licenciatura (Gráfico 5), considera-se que a relação qualidade de vida/remuneração não está em relação direta, como poderíamos supor, dado o modelo econômico vigente.

A ontologia do ser social entende como trabalho aquilo que diferencia o ser humano do animal ou mineral, ou seja, trabalho, em consonância com Lukács (2012), vai muito além da luta pela sobrevivência. Sendo assim, apesar do ser social certamente não ser redutível ao trabalho (LESSA, 2015, p.33), a carreira docente dá lugar a uma dupla transformação, já que o próprio ser humano que trabalha é transformado por seu trabalho. Ele atua sobre a natureza exterior, modificando-a e, ao mesmo tempo, modifica sua natureza, desenvolvendo potências que nela se encontram latentes (LUKÁCS, 2012, p. 286).

Outra forma de analisar os dados que apontam 64% dos respondentes, declarando haver melhoria na qualidade de vida após concluir o curso de

licenciatura (Gráfico 5), é considerar a teleologia da carreira docente, ou seja, recai sobre os professores as mais nobres finalidades para uma profissão. São os formadores das novas gerações, os responsáveis pelo avanço de uma nação, os cuidadores de nossos filhos.

Contudo, seriam essas realmente as metas reais da docência? Afinal de contas, quais são as finalidades reais da docência em nossa sociedade? Conforme Lessa (2015, p.37), inspirando-se em Lukács diz que

(...) o desenvolvimento de relações sociais cada vez mais intensas é a base necessária da produção de ontologias mais próximas ao real. Mas, se estas relações sociais se desenvolvem no sentido de submeter os homens a uma vida cotidiana cada vez mais desumana onde a exploração do homem pelo homem (...) surge como um “castigo” inevitável na existência de cada um – nessas circunstâncias poderemos ter a gênese e o desenvolvimento de “ontologias fictícias” mesmo ali onde o desenvolvimento das forças produtivas e das ciências é um fato inquestionável.

Sendo assim, a carreira docente pode ser lida como uma “missão de vida”, atendendo à busca humana de uma vida plena de sentido, impactando na questão levantada pelo formulário. Posto de outro modo, os 64% dos entrevistados podem considerar “melhoria na qualidade de vida” o fato de ter suprido a busca de uma vida plena de sentido, uma ontologia fictícia, em qual acreditam que seu trabalho é algo que não é. Acreditam, por exemplo, dentro de uma visão romantizada e/ou mesmo ingênua do processo de escolarização, que a docência promove uma sociedade menos desigual, quando podem reproduzir a desigualdade e a manutenção do capitalismo.

Todavia, a pesquisa acusa insatisfação com a remuneração, embora a situação socioeconômica tenha melhorado. Os dados atestam que o curso de licenciatura melhorou a situação socioeconômica dos entrevistados, pois 46% responderam que, atualmente, comparando com seu ingresso na licenciatura, está melhor e, para 12%, muito melhor. (Gráfico 6). Entretanto, 64% declararam estar pouco satisfeitos com a remuneração (Gráfico 4).

Ferreira (2009), citando Gatti, chama a atenção para dificuldades que os professores enfrentam para dar seguimento a sua formação continuada, entre elas, as de cunho financeiro e de disponibilidade, já que muitos professores precisam buscar outras atividades para complementar sua renda. A autora destaca ainda que, muito além de apenas uma questão financeira, a relação

entre remuneração e desempenho profissional está associada à autoestima, portanto, um fator intrínseco, que pode interferir no trabalho.

Segundo Barbosa (2012), a baixa remuneração na carreira docente também implica em baixa atratividade para a profissão, abandono do magistério, redução do poder aquisitivo, sentimento de desânimo e insatisfação com o trabalho e intensa jornada de trabalho. Em outras palavras, a baixa remuneração é impedimento para o professor (ontológico/social) realizar o seu trabalho (o que lhe torna realmente humano e social) e desenvolver seus potenciais latentes.

5. Considerações finais

Tentar compreender a avaliação do impacto da vivência de uma licenciatura, partindo da ótica da ontologia do ser social é reflexão de fundamental importância. Ao fazermos indagações ontológicas sobre uma determinada classe, vamos do mensurável ao imensurável, lidamos com o contraditório, invocamos o essencial.

Essa complexa essência se faz perceptível no cotidiano, por meio das ações (trabalho) desses sujeitos no mundo: transformam o mundo, contudo, são transformados nesse processo que tem relação direta com a sobrevivência, manutenção do que é básico na vida humana (comer, beber, condição de vida), com as relações sociais e com a vida profissional (emprego).

Com o intuito de estudar as relações entre as categorias formação, vida e trabalho, esta pesquisa buscou investigar as implicações do trabalho docente em recém-formados para além da atuação em sala de aula. Isso exigiu domínio de metodologias que usassem os dados coletados para fomentar o diálogo e a análise e, só então, produzir conhecimento científico por meio do movimento perpétuo da dialética.

Assim, as respostas aos questionários dos 1095 egressos de treze licenciaturas diferentes, formados entre os anos de 2014 e 2019, foram analisadas partindo de hipóteses. Começamos, antes de tudo, a lançar luz sobre a inferência do trabalho docente, não em outros, mas em nós mesmos, enquanto sujeitos sociais e docentes em formação e já formados.

As análises nos permitiram inferir que a “qualidade de vida não tem relação direta com a remuneração” e que “a situação socioeconômica melhorou”.

Todavia, a pesquisa ainda acusa insatisfação com a remuneração e a possível existência de uma certa “ontologia fictícia na carreira docente”.

O fator econômico também permeia fortemente as discussões, pois a remuneração se mostrou um fator relevante para os respondentes desta pesquisa. As respostas foram até mesmo antagônicas, já que 64% dos entrevistados se declararam pouco satisfeitos a respeito do mesmo tópico (Gráfico 6). Como explicar, então, o fato de que a mesma porcentagem (64%) declarou haver muita melhoria na qualidade de vida após a conclusão do curso de licenciatura?

É interessante destacar que valorização da formação está ligada à relação entre ela e as outras esferas da vida. É necessário medi-la não somente pela avaliação das carreiras e do retorno material, mas também em termos de transformação de diversas esferas da vida social.

Compreende-se que não é possível conceber o ser social como um elemento descolado da materialidade da vida. No entanto, ao mesmo tempo, trata-se de um todo complexo, sempre em movimento, interligando as esferas espiritual, afetiva, histórica, política, econômica e social.

Então, a categoria trabalho objetiva a satisfação das necessidades humanas e, nesse sentido, caminha na direção da sua humanização. Portanto, a análise também nos permitiu perceber que o trabalho remete sempre para além de si mesmo, possibilitando a criação permanente do novo e, nessa lógica, a clareza de que a formação docente é primeiramente ontológica e não epistemológica.

Finalizando, observa-se que, apesar das discussões já levantadas a partir deste trabalho, acreditamos que muito ainda deve ser discutido, a considerar a amplitude desse campo de conhecimento. Contudo, consideramos ter alcançado o que foi proposto para este artigo diante das indagações levantadas, lançando perspectivas e inferências baseadas nos dados coletados. Além disso, o trabalho pode possibilitar a promoção de um diálogo sob diferentes prismas no que condiz à formação, ao exercício da docência e às diversas dimensões da vida social.

Referências bibliográficas

AFONSO, Natércio. *Investigação naturalista em educação: um guia prático e crítico*. Porto: Edições ASA, 2005.

ANDRÉ, Marli. Estudos de caso revelam efeitos sociopedagógicos de um programa de formação de professores. *Revista Lusófona de Educação*, n. 6, p.93-115, 2005.

ANDRADE, Maria Margarida de. *Introdução à metodologia do trabalho científico*. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2009. Disponível em: <https://dokumen.pub/introducao-a-metodologia-do-trabalho-cientifico-elaboracao-de-trabalhos-na-graduacao-9788522458561-9788522478392.html>. Acesso em: 14 nov. 2023

BARBOSA, Andreza. *Implicações dos baixos salários para o trabalho dos professores brasileiros*. 2012. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/revistaeducaopoliticas/article/view/21902/12112>. Acesso em: 01 maio 2022.

BRASIL. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências. In. *Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil*, Brasília, 26 jun. 2014b. Seção 1, p. 1, Ed. Extra. Disponível em http://planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm. Acesso em: 30 maio 2022.

CRESCER total de negros em universidades, mas acesso é desigual. *Agência Brasil*, Brasília, 20 de novembro de 2020. Disponível em <https://tecnoblog.net/responde/referencia-site-abnt-artigos/> Acesso em: 30 maio 2022

DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. *Educar em revista*, n. 24, p. 213-225, 2004. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/er/n24/n24a12.pdf>. Acesso em: 14 nov. 2023.

FERREIRA, Gabriel. *Formação continuada, satisfação profissional e carreira docente: reflexões sobre a alteração de plano de carreira do magistério municipal de Novo Hamburgo/RS*. 2009. Disponível em: <https://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos18/34426432.pdf>. Acesso em: 01 maio 2022.

GATTI, Bernadete A. Didática e formação de professores. *Cadernos de Pesquisa*, v. 47 n.166 p.1150-1163, out./dez. 2017.

GATTI, Bernadete A. Formação de professores, complexidade e trabalho docente. *Revista Diálogo Educacional*, v. 17 p. 721-737, 2017.

HABERMAS, J. *Teoría de la acción comunicativa*. Madrid: Editorial Trotta, 2010b. Tomo I: racionalidad de la acción y racionalización social. Tomo II: crítica de razón funcionalista.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA . *Censo Brasileiro de 2010*. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/campanha/panorama>. Acesso em: 30 maio 2022.

LESSA, Sergio. *Para compreender a ontologia de Lukács*. 4. São Paulo: Instituto Lukács, 2015.

LUKÁCS, G. Para uma ontologia do ser social I. São Paulo: Boitempo, 2012.

MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*. São Paulo : Boitempo, 2013.

PRÁ, Jussara Reis; CEGATTI, Amanda Carolina. Gênero, educação das mulheres e feminização do magistério no ensino básico. *Retratos da escola*, v. 10, n. 18, 2016. Disponível em:

<https://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/660>. Acesso em: 19 nov. 2023.

RANIERI, Jesus. *A câmara escura*. Alienação e estranhamento em Marx. São Paulo: Boitempo, 2001.

SCHNEIDER, Eduarda Maria; FUJII, Rosangela Araujo Xavier; CORAZZA, Maria Júlia. Pesquisas quali-quantitativas: contribuições para a pesquisa em ensino de ciências. *Revista Pesquisa Qualitativa*, v. 5, n. 9, p. 569-584, 2017.

SILVA, Daniella. *A desmotivação do professor em sala de aula, nas escolas públicas do município de São José dos Campos - SP*. 2012. Monografia (Especialização em Gestão Pública Municipal) – Educação à distância Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

SOUZA JUNIOR, H. P. As origens da ontologia do ser social: a questão do método. *Trabalho & Educação*, v. 24, p. 143-155, 2015.

TARDIF, Maurice; RAYMOND, Danielle. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. *Educação & Sociedade*, n. 21, p. 209-244, 2000.

TONET, I. Interdisciplinaridade, formação humana e emancipação humana. *Serv. Soc. Soc.*, n. 116, p. 725-742, out./dez. 2013.

TONET, I. Educação e ontologia marxiana. *Revista Trabalho & Educação*, v. 24, n.01, p. 201-213, 2015.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MINAS GERAIS, Unidade Acadêmica de Campanha. *Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Pedagogia*. Campanha, 2016. Disponível em

https://www.uemg.br/images/PPC_Pedagogia_Campanha_aprovado_coepe_27.10.16.pdf. Acesso em: 31 maio 2022

VARGAS, Michely de Lima Ferreira. Ensino superior, assistência estudantil e mercado de trabalho: um estudo com egressos da UFMG. *Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)*, v. 16, n. 01, p. 149-163, 2011. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/pdf/aval/v16n01/v16n01a08.pdf> Acesso em: 18 nov. 2023.